

CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS DOS PREPARADORES DE GOLEIROS DAS EQUIPES PARTICIPANTES DA COPA FEDERAÇÃO GAÚCHA DE FUTEBOL 2011/2

Daniel Ricardi Crizel da Silva^{1,2},
Rafaela Liberali^{1,3},
Francisco Navarro³

RESUMO

O desenvolvimento dos métodos de trabalho dos preparadores de goleiros e a consequente evolução destes atletas no futebol, incita a concretização desta pesquisa que tem como finalidade traçar o perfil metodológico dos preparadores de goleiros da Copa Federação Gaúcha de Futebol Profissional - Temporada 2011/2. Este material é um estudo descritivo, com uma população de 22 indivíduos (N = 22) e uma amostra de sete (n = 7). O método utilizado foi o que se utiliza da entrevista. Durante o processo foram aplicados questionários fechados com vinte cinco perguntas. Notou-se que 57,14% não fazem periodização antes da competição, no entanto 71,43% dizem ao menos planejar a sessão de treino com antecedência. Porém 57,14% não mantêm nenhum tipo de registro de controle de treino. Constatou se com isso a pouca sistematização do processo de planejamento e controle de treinamentos, atentando para a necessidade de buscar o conhecimento em suas mais variadas formas e tornar prática sua aplicação.

Palavras-chave: Futebol, periodização, controle de treino.

ABSTRACT

Methodological characteristics of the preparations of goalkeepers for the Gaucho Championship Professional football Federation - Season 2011/2

The development of working methods in the preparation of goalkeepers and the evolution of these professionals in football incites the realization of this research. It have like aim to take a methodological profile of the preparations of goalkeepers for the Gaucho Championship Professional football Federation - Season 2011 / 2. This material is a descriptive study with a population of 22 individuals (N = 22) and a sample of seven (n = 7). The method used was the direct interview where closed questionnaires with twenty five questions were administered. We were noted that 57.14% don't have periodization before the competition, but at least 71.43% say planning the training session before the application. But 57.14% says that don't keep any record control training. It was found that process of planning and control have a little systematizing of training, noting the need to seek knowledge in its various forms and make their practical application.

Key Words: Football, periodization, control training.

1 - Programa de Pós Graduação Lato Sensu da Universidade Gama Filho em Fisiologia do Exercício - Prescrição do Exercício

2 - Graduado em Educação Física pela Universidade de Caxias do Sul

3 - Universidade Federal do Maranhão

E-mail:

danielcrizel@hotmail.com

rafascampeche@ig.com.br

INTRODUÇÃO

O futebol é capaz de atravessar todas as divisões e fronteiras Alvito (2006). Tem a capacidade de romper barreiras econômicas, políticas, culturais e sexuais (Coelho, 2004). Estima-se que existam mais de 270 milhões de pessoas envolvidas diretamente com o esporte (Francisco, 2010). A realização do primeiro mundial em 1930 alavancou o processo de expansão e fez com que o futebol se difunde ainda mais (Rocco Junior, 2003).

Ao retornar na história, mais precisamente ao ano de 1863, teremos o marco para o início do esporte semelhante aos padrões atuais (Prochhnik, 2010); nesse momento, a criação da *Football Association* foi essencial, já que foi responsável pela padronização das regras (Nascimento, 2009). Acompanhando o desenvolvimento do esporte, a gestão dos clubes evoluiu. A prova disso é que atualmente a maioria dos clubes conta em seus quadros com comissões técnicas multidisciplinares (Videro Santos, 2002). Integram este quadro as seguintes funções: técnico, auxiliares técnicos, preparadores físicos, preparadores de goleiros, fisiologistas, nutricionistas, psicólogos, médicos e fisioterapeutas (Patú, 2007).

A comissão técnica tem participação decisiva no sucesso ou fracasso de suas equipes (Capinassú, 2006). Estes profissionais participam direta e indiretamente com os atletas na busca do melhor desempenho em treinos e jogos (Silva, 2001). Para tanto, devem buscar o aprimoramento constante (Costa, 2005), pois assim, poderão alcançar os objetivos e continuar inseridos no contexto futebolístico, que é uma tarefa árdua (Costa e colaboradores, 2006). É incumbência da comissão técnica, planejar, organizar e executar o treinamento em uma equipe de futebol. Ao preparador de goleiros fica delegada a função de realizar um treinamento direcionado, tendo este profissional à grande responsabilidade de facilitar o desenvolvimento dos seus atletas (Rigotti, 2006).

A função de preparador de goleiros é recente no contexto futebolista, visto que surgiu em meados da década de 1970. A preparação específica começou a desenvolver goleiros de grande qualidade (Guilherme, 2006). Raul Carlesso pode ser referenciado como um dos precursores desta categoria de

treinamento exerceu a função na seleção brasileira durante a Copa do Mundo de 1970. Sua metodologia era sustentada por bases científicas (Telles e colaboradores, 2006). Por outro lado, existe também outra corrente composta por ex-goleiros que, ao término de suas carreiras, migravam para a função de treinador específico. Como referência, podemos citar Valdir Joaquim de Moraes, ex-atleta reconhecido na função de preparador (Rigotti, 2006).

Nesse contexto, observou-se que as metodologias se baseiam da cientificidade ao empirismo. A associação destas variáveis pode representar o sustentáculo para o sucesso profissional dessa função; acredita-se que, seja o ex-jogador ou o professor, este deve estar sempre atualizado para o desempenho dessa função (Carravetta, 2006).

Observa-se que, cada vez mais, o goleiro torna-se um posto especializado (Baroni e colaboradores, 2008). Ao longo do processo de treinamento, existe a necessidade de desenvolver requisitos técnicos, físicos, psicológicos e táticos (Voser, 2006). Este atleta assimila o trabalho de acordo com o estímulo que recebe, ou seja, podendo potencializar o bom desempenho ou o fracasso de sua atuação (Costa e colaboradores, 2006).

Os treinos metabólicos, em que é dada ênfase a exercícios de resistência, podem inibir a ativação das fibras brancas (rápidas), enquanto treinos tensionais tendem a estimular o desenvolvimento da velocidade e da força explosiva (Aoki, 2002). Os profissionais responsáveis pela preparação específica do goleiro devem, cada vez mais, analisá-los nas condições específicas do jogo, para, além de atender suas necessidades, também contribuir com mais informações de pesquisas que visem à evolução da área de preparação de goleiros (Gallo e colaboradores, 2010).

Este trabalho tem por objetivo identificar o perfil metodológico dos preparadores de goleiros da Copa Federação Gaúcha de Futebol profissional - Temporada 2011/2, visando evidenciar as principais características do trabalho desenvolvido pelos profissionais encarregados do treino dos goleiros.

MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho foi caracterizado através de uma pesquisa descritiva (Liberali, 2011). O grupo pesquisado é constituído por preparadores de goleiros participantes da "Copa Federação Gaúcha de futebol categoria profissional - Temporada 2011/2". Participaram deste certame 22 equipes, divididas em três chaves: Chave Metropolitana com 8 equipes, Chave Serrana com 7 equipes e Chave Fronteira com 7 equipes, totalizando 22 clubes.

A população do estudo corresponde a 22 preparadores de goleiros (N). Destes foram selecionados uma amostra de 7 preparadores (n), sendo estes um representante de cada equipe da chave C - Chave Fronteira. O fator sazonal fez com que fosse escolhida a chave fronteira, facilitando assim a coleta de dados.

No que refere aos aspectos éticos, os instrumentos de pesquisa não tinham nenhum dado que identificasse os indivíduos e que lhes causassem constrangimento durante o procedimento de coleta (responder ao questionário). Dessa forma, os princípios éticos contidos na Declaração de Helsinki e na Resolução nº 196 de 10 de Outubro de 1996 do Conselho Nacional de Saúde foram respeitados em todo o processo de realização desta pesquisa.

Para a coleta de dados foi aplicado um questionário fechado que era constituído por tópicos sobre o perfil biológico, social e profissional proposto por Crizel e colaboradores (2011). As variáveis a serem medidas pelo questionário foram: idade, peso corporal alegado, estatura alegada,

tempo de profissão, metodologia de trabalho e grau de instrução.

A coleta de dados aconteceu no término das partidas. A entrevista foi realizada após o participante autorizar a pesquisa mediante assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido. Após conclusão das entrevistas, os dados coletados foram submetidos à análise estatística, através do programa *Excel for Windows*[®], onde foram obtidas estatísticas descritivas de frequências e percentuais.

RESULTADOS

Participaram do estudo sete (7) preparadores de goleiros do sexo masculino, com idades compreendidas entre 28 e 51 anos, ficando a média de idade em 40,43 anos. O tempo médio de profissão é de 7,29 anos, onde o que atua há menos tempo o faz a aproximadamente 1 ano, e o que atua a mais tempo o faz a 16 anos. Com relação à Educação Física, 28,60% possui graduação na área e 71,40% não possui graduação. A Tabela 1 Apresenta os valores descritivos dos perfis antropométricos alegados.

Quanto ao perfil destes profissionais, podemos ver que 85% foi atleta profissional, destes, 66% foi goleiro. Constatou-se que 85,71% dos preparadores trabalhavam nesta competição com três goleiros, enquanto 14,29% somente dois. Quando questionados sobre o número ideal de goleiros para trabalhar em uma sessão, 71,4% dos entrevistados responderam quatro (4) atletas, enquanto 28,60% responderam três (3) atletas.

Tabela 1 - Dados antropométricos alegados

	Mínimo	Máximo	Média
Peso (kg)	70	100	85,86
Estatura (cm)	170	188	177,57
IMC	23,3	31,9	27,21

No que se refere ao tempo de preparação para a competição, o mesmo variou entre 60 e 17 dias, ficando a média em 33 dias de preparação.

Quando questionados acerca das sessões de trabalho semanais, a média ficou em 7,71. Na Tabela 2, podemos ver com mais clareza o número de sessões semanais.

Tabela 2 - Número de treinos semanais

Nº de treinos com o grupo	% de preparadores
9	14,29%
8	57,16%
7	14,29%
6	14,29%

Quanto às sessões de treinamento específicas exclusiva dos goleiros com seu preparador, viu-se que podem variar de 2 a 4 vezes por semana, ficando a média em 2,86

sessões específicas. A Tabela 3 apresenta uma estimativa de minutos treinados por sessão de trabalho.

Tabela 3 - Volume de treinamento por sessão em minutos

Sessão de treino	< Tempo (')	> Tempo (')	Média
< volume semanal	30'	60'	42,86'
> volume semanal	60'	140'	105,71'

Quanto a organização e ao planejamento do trabalho, 57,14% não fazem nenhum tipo de periodização, já 42,86% alegam fazer planejamento. Entre os preparadores entrevistados, 71,43% afirmam preparar com antecedência sua sessão de trabalho, destes, 42,8% faz isso no início da semana, 28% no dia que antecede a sessão de trabalho, enquanto 28% vão definindo o conteúdo a ser trabalhado ao longo da sessão.

Já, no item que se refere aos controles de treinamento, 57,14% alega não manter, enquanto 42,86% dizem manter, sendo este controle realizado por sessão trabalhada. Além disso, 57,14% dizem não usar recursos audiovisuais para correções de desempenho.

Ao serem questionados sobre os requisitos fundamentais ao preparador de

goleiros, 71,44% alegaram a necessidade de possuir conhecimentos técnicos específicos para atuação de goleiro, enquanto 14,28% afirmaram que necessitam de formação voltada aos aspectos psicológicos do treinamento e 14,28% as questões acerca do conhecimento científico do treinamento esportivo, cabe destacar que em nenhum momento foi citada a necessidade das técnicas de bater e arremessar a bola por parte do preparador.

Demonstra-se na tabela 4, a seguir, o norteador técnico do trabalho destes profissionais, quando questionados sobre a prioridade de treinamento ao longo da semana.

Tabela 4 - Prioridades a serem treinadas

Aspecto a ser treinado na semana	%
Cruzamentos	57,14
Chutes	28,58
Reposições	14,29

Ao serem interpelados acerca de qual o treinamento poderia oferecer um melhor condicionamento geral ao goleiro, observou-se que 57,14% dos entrevistados afirmam ser o trabalho específico do preparador junto a seus goleiros o fator desencadeador de uma resposta muito boa deste profissional, em contrapartida 42,86% alegam que os trabalhos de campo reduzidos realizados com os demais componentes do grupo são fatores desencadeantes de condicionantes.

DISCUSSÃO

Baseado na literatura observou-se que o estudo que investigou o perfil de preparadores de goleiros do estado de Santa Catarina no ano de 2005 teve como resultado uma amostra de 57,14% com idade média entre 30 a 50 anos (Rigotti, 2006). Ao comparar-se estes dados com este estudo, observou-se uma variação entre a idade mínima e máxima, variando entre 28 e 51 anos. Identificou-se ainda no estudo de Santa

Catarina que 92,85% da amostra trabalha na função de preparador de goleiro no período máximo de 10 anos. Estes dados se comparados ao estudo atual, vê-se que há uma queda em anos, remetendo-se a apenas 71,43% na mesma faixa temporal. Outra pesquisa com preparadores de goleiros na série A do Campeonato Gaúcho de 2009, encontrou a média de tempo de atuação na profissão em 12,56 anos (Crizel e colaboradores, 2011), a média deste trabalho ficou em 7,29 anos.

Com relação à formação acadêmica, 71,40% dos pesquisados não possui graduação em educação física, já os estudos de Rigotti (2006) e Crizel (2011), encontraram os respectivos resultados, 57% e 75% não eram profissionais de Educação Física.

É importante destacar que 85% destes treinadores foram atletas profissionais dentre os quais 66% atletas goleiros, estes dados comparados a estudos semelhantes, verificou-se um percentual de 92,86% do universo que foram atletas – goleiros (Rigotti, 2006). Em contrapartida outro estudo aponta um índice de 87,5% que foram atletas profissionais sendo que deste universo 64,29% eram goleiros.

Chamou-se ainda a atenção a outro dado importante, neste estudo pode-se verificar que a média do índice de massa corporal (IMC) da amostra pesquisada ficou em 27,21%, classificando-se segundo a *American College of Sports Medicine* (ACSM, 2003), como excesso de peso, o IMC é um indicador de risco para saúde.

Outro ponto importante se concentra nos resultados referentes aos métodos de trabalhos. Foi observado que 57,14% não fazem nenhum tipo de periodização, contrariando ao que sugere a literatura, que aponta a periodização como um elemento fundamental, pois através dela que é estabelecida a diretriz do trabalho a ser desenvolvido, indo ao encontro das necessidades específicas do atleta goleiro e da equipe de modo geral (Gonçalves e colaboradores, 2006). O programa de treinamento deve respeitar as diferentes variáveis fisiológicas de acordo com a função em que este profissional atua em campo (Shin, 2011).

Nos aspectos alusivos à sessão de trabalho observou-se que 71,43% dos entrevistados afirmam preparar com

antecedência a sessão de trabalho. O tempo da atividade deve variar de acordo com o objetivo para do microciclo (Santos, 2006). Os horários e os dias dos treinos devem obedecer à programação estabelecida (Figueiredo, 2010).

Outro fator importante concentra-se na duração da sessão de trabalho, observou neste estudo que as sessões com menor volume de trabalho duravam em média 42,86 minutos, enquanto as de maior volume 105,71 minutos. Dois estudos semelhantes apresentaram valores diferentes. O primeiro, com preparadores da Série A do campeonato Gaúcho 2009 cujos intervalos variaram entre 58,44 minutos e 113,44 o tempo médio das sessões de baixo e alto volume, respectivamente (Crizel e colaboradores, 2011) e em outro estudo, com atletas de futebol em Portugal, encontrou-se valores médios em torno de 120 minutos nas sessões semanais (Rodrigues e colaboradores, 2007).

Nos dados que envolvem as sessões semanais trabalhadas, a média ficou em 7,71 ao ser comparado com o estudo Lusitano, a média ficou em 5,8% (Rodrigues e colaboradores, 2007) e em estudo na região sul brasileira a média ficou em 7,88 sessões (Crizel e colaboradores, 2011). Os dados referentes aos controles de treinos, a classe de profissionais pesquisada revelou em dados que 57,14% não mantém nenhum tipo de registro de controle de treinamentos. Monitorar o processo de treinamento pode prevenir problemas com o rendimento, saúde e bem estar dos atletas (Alves, 2006).

Ainda com relação à sessão de trabalho pode-se observar que 85,72% trabalhavam com 3 goleiros, os demais 14,28% com 4 goleiros. Um dos dados que chama atenção neste estudo é o de que 71,4% dos entrevistados acreditam que o número ideal de atletas por sessão seja 4. Ao comparar estes dados com a pesquisa realizada com preparadores Catarinenses, 57,4% trabalham com 3 goleiros e 28,57% com 4 (Rigotti, 2006). Enquanto isso no estado do Rio Grande do Sul no estudo com preparadores da série A, 56,25% trabalhavam com 4 goleiros.

Durante as tarefas que visam o desenvolvimento de seus atletas 57,14% dos preparadores não se utiliza de recursos áudio visual como elemento didático no processo de treinamento. O bom uso destes recursos é um

mecanismo facilitador para o desenvolvimento dos atletas (Gomes, 2009).

Outro viés abordado nesta pesquisa consiste na verificação da opinião dos preparadores de goleiros quanto aos meios condicionantes do atleta ao longo do processo de preparação. Desta forma foi abordado qual o tipo de trabalho que poderia oferecer um ótimo condicionamento geral ao goleiro. Tivemos como resultado, 57,1% apontou o trabalho exclusivo - goleiros x preparador, já 42,9% apontam os trabalhos de mini jogos, em campo reduzido onde participam os demais companheiros de equipe.

Segundo Costa e colaboradores (2010), os mini jogos possibilitam o desenvolvimento das habilidades voltadas para a defesa que vão além do "fazer", demonstram o "como fazer", complementando desta forma os métodos de ensino analíticos. Como bem destaca o autor, até pouco tempo os trabalhos analíticos eram comumente vistos nas sessões exclusivas dos preparadores de goleiros com seus comandados (Costa e colaboradores, 2010).

Ainda com relação aos resultados desta pesquisa podemos observar que os dados revelam que na opinião 71,43% dos profissionais informantes o diferencial na formação do preparador de goleiros consiste no conhecimento técnico (formas de cair, levantar, defender, entre outras). Ao comparar esta pesquisa com a de Rigotti (2006) observou-se que em um universo idêntico, 71,43% dos informantes, defendem ser importante a experiência como goleiro para a formação do preparador, uma vez que esta condição favorece o compartilhamento com seus atletas deste conhecimento técnico específico, e defendem ainda ser indispensável o conhecimento da teoria do treinamento esportivo (Rigotti, 2006). Porém, neste estudo, o que observou-se é uma contradição, pois apenas 14,28% acreditam na importância do conhecimento da teoria do treinamento embora ressaltem o conhecimento técnico.

Dentro dos itens abordados damos destaque, ainda, ao requisito - norteador técnico da preparação. Neste item, 57,14% dos informantes apontam como balizador do microciclo - os cruzamentos, 28,58% afirmam ser os chutes e 14,28% as reposições. No entanto, como destaca Braz e colaboradores (2008), é necessário atentar ao fato de que as

sessões de trabalho devem ser elaboradas em função das particularidades dos últimos jogos ou do modelo de jogo.

CONCLUSÃO

Conforme foi observado, ao longo desta pesquisa, a maior parte dos preparadores de goleiros, não tem formação acadêmica, e se aproveitam de sua formação enquanto atletas-goleiros. Este dado não é restrito deste estudo, observou-se que os teóricos que deram sustentação a análise aqui exposta, obtiveram estes mesmos resultados, quais sejam, a ausência de formação universitária para a ocupação desta função. Outro aspecto constatado, que pode ser uma resultante da ausência desta formação específica e acadêmica, concentra-se na pouca sistematização do trabalho, tanto na organização quanto no controle dentro do processo de treinamento dos goleiros. Acredita-se que este deva ser um dos pontos que devam ser ressaltados a estes profissionais a necessidade de se subsídios teóricos para um planejamento mais eficaz do processo de treinamento.

Verificou-se também, que embora a formação destes profissionais esteja ainda muito frágil se tivermos como parâmetro a formação acadêmica, há uma evolução no que tange ao método utilizado para o treinamento de goleiros. Tem ainda como resultados que merecem destaque a observação da rotina diária destes preparadores de goleiros, que aos poucos vem inserindo a metodologia situacional. Este dado importante pode ser observado quando destacam a importância deste trabalho na busca de um melhor condicionamento geral para seus atletas.

Com relação ao paradigma professor e ex-goleiros. O foco é estar disposto a novas perspectivas de aprendizagens, criar e modificar suas metodologias baseando-se em estudos referenciais - relacionados a imagens ou fruto de discussões específicas com outros profissionais. Mas o que se destaca é que deve estar presente neste processo sempre, o ânimo de buscar o conhecimento em suas mais diversas formas e buscar aplicá-lo para a melhoria dos trabalhos dentro e fora do campo.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

REFERENCIAS

- 1- American College of Sports Medicine - Diretrizes do ACSM para os testes de esforço e sua prescrição. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- 2- Alves, R.N.; Costa, L.O.P.; Samulski, D.M. Monitoramento e prevenção do supertreinamento em atletas. Revista Brasileira de Medicina do Esporte. Vol. 12, Núm. 5. 2006.
- 3- Alvito, M. A parte que te cabe neste latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização. Análise Social, vol. XLI (179), 2006.
- 4- Aoki, M.S. Fisiologia, Treinamento e Nutrição Aplicados ao Futebol. Jundiaí. Fontoura. 2002.
- 5- Baroni, B.M.; Manfro, D.S.; Danna, V.; Censi, S.; Generosi, R. A.; Ferrari, M.; Leal Junior, E.C.P. Avaliação da capacidade anaeróbia de membros inferiores de atletas adolescentes de futebol. Anais do XI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Paraíba, 2008.
- 6- Braz, T.V.; Spigolon, L.M.P. Relação dos microciclos de treinamento com o modelo técnico-tático de uma equipe de futebol. 7º Congresso de Pós-Graduação da Universidade Metodista de Piracicaba. São Paulo, 2008.
- 7- Capinassú, J.M. Manifestações interdisciplinares no esporte. Revista de Educação Física, Núm. 135, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2006. p.52-57.
- 8- Carravetta, E. Modernização da Gestão no Futebol Brasileiro: Perspectivas Para a Qualificação do Rendimento Competitivo. Editora AGE. Porto Alegre. 2006.
- 9- Coelho, J. Futebol: Desporto e emoção. Associação Portuguesa de Sociologia Edição *on-line* da Revista Contextos de Sociologia Núm. 3. Noites de Sociologia. 2004.
- 10- Costa, J.P.A. A formação do treinador de futebol - Análise de Competências, Modelos e Necessidades de Formação. Dissertação de Mestrado na Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Motricidade Humana. Lisboa – Portugal. 2005.
- 11- Costa, I.; Greco, P.; Garganta, J.; Costa, V.; Mesquita, I. Ensino-aprendizagem e treinamento dos comportamentos tático-técnico no futebol. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte. São Paulo. Vol. 9. Núm. 2. p. 41-6. 2010.
- 12- Costa, I.T.; Samulski, D.M.; Marques, M.P. Análise do perfil de liderança dos treinadores de futebol do Campeonato Mineiro de 2005. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Vol. 14. Núm. 3. p 55-62. 2006.
- 13- Crizel, D.R.; Rech, Ri.R.; Trentin, D. Sintomas osteomusculares em preparadores de goleiros da Série A do Campeonato Gaúcho 2009. Cadernos de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro. Vol. 19. Núm. 2. p. 225-31.2011.
- 14- Figueiredo, A.S. Métodos de treinamento de goleiros de futebol na categoria infantil em clubes profissionais do Vale dos Sinos. Trabalho de conclusão de curso. Universidade FEEVALE. Novo Hamburgo. RS. 2010.
- 15- Francisco, C.P.F. O futebol e sua encenação como um campo de batalha. Revista Aurora. Núm. 9. São Paulo. 2010. Disponível em: www.pucsp.br/revistaaurora.
- 16- Gallo, C.R.; Zamai, C.A.; Vendite, L.; Libardi, C. Análise das ações defensivas e ofensivas, e perfil metabólico da atividade do goleiro de futebol profissional. Conexões. Vol. 8. Núm. 1. p. 16-37. 2010.
- 17- Gomes, A.C. Treinamento desportivo: estrutura e periodização. 2ª edição. Artmed. Porto Alegre. 2009.
- 18- Gonçalves, G.A.; Nogueira, R.M.O. Para goleiros de futebol: uma proposta de macrociclo. Estudos. Goiânia. Vol. 33. Núm.7/8, p. 531-543. 2006.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

- 19- Guilherme, P. Goleiros: Heróis e anti-heróis da camisa. São Paulo. Alameda. 2006.
- 20- Rocco Junior, A.J. Novas tecnologias e as torcidas virtuais: A transformação da cultura do futebol no século XXI. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte. 2003.
- 21- Liberali, R. Metodologia Científica Prática: um saber-fazer competente da saúde à educação. 2ª edição revisada e ampliada. Florianópolis: Postmix. 2011. 206p.
- 22- Nascimento, I.B. O futebol como agente de inclusão social: um estudo sobre o desenvolvimento humano a partir das práticas pedagógicas nas escolinhas de futebol de Salvador. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social. Fundação Visconde de Cairu. Faculdade Visconde de Cairu. CEPREV. Salvador. 2009.
- 23- Patú, R.P. Comportamento do estresse em treinadores de futebol profissional. Dissertação de Mestrado Universidade de Brasília. Brasília. 2007.
- 24- Prochnik, L. O Futebol na Telinha: A Relação Entre o Esporte Mais Popular do Brasil e a Mídia. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Vitória. 2010.
- 25- Rigotti, S.R. Perfil dos treinadores de goleiro dos clubes de futebol da série “A1” do Campeonato Catarinense de 2005. Monografia apresentada à Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC. Florianópolis. 2006.
- 26- Rodrigues, P. F.; Silva, M. R. Incidência de lesões no joelho em jogadores de futebol profissional. Monografia apresentada a Universidade Fernando Pessoa. Lisboa – Portugal. 2007. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/427/1/230-241%20REVISTA_FCS_04-8.pdf
- 27- Vídero Santos, L.M. A Evolução da Gestão no Futebol Brasileiro. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação da EAESP/FGV. São Paulo. 2002.
- 28- Santos, P.M.O. Planejamento e a Periodização do Treino em Futebol: Um estudo realizado em clubes da *Superliga*. Dissertação elaborada com vista à obtenção do Grau de Mestre em Treino de Alto Rendimento. Santos. 2006.
- 29- Shin, J. Diferentes posições do futebol de campo e a especificidade da preparação física. Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2011.
- 30- Silva, E.L. Atuação técnica do preparador físico com o treinador na orientação dos treinamentos das equipes de futebol profissional brasileiro. Dissertação de Mestrado em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2002.
- 31- Telles, S.C.C.; Miranda, O.T. A preparação de goleiros e sua evolução. *In*: Congresso Nacional de História do esporte, lazer, educação física e dança e Congresso Latinoamericano de História de la Educación Física. Anais. Curitiba. 2006.
- 32- Voser, R.C. Futebol: história, técnica e treino de goleiro. EDIPUCRS. Porto Alegre. 2006.

Recebido 26/11/2011

Aceito 26/11/2011